

7 Conclusão

A introdução e o segundo capítulo deste trabalho mencionam uma questão crucial na Filosofia da Mente contemporânea, que nos interessa não somente enquanto questão intelectual, mas também enquanto questão valorativa. A auto-imagem do ser humano está emaranhada na imagem de sua mente; as duas imagens são talvez inextrincáveis. Nas palavras de John Searle,

nossas maneiras habituais de falar sobre nós mesmos e de outras pessoas, de justificar nosso comportamento e explicar o de outros, expressam uma certa concepção da vida humana que nos é tão próxima, tão incrustada no senso comum, que nós mal podemos vê-la. Trata-se de uma concepção segundo a qual cada pessoa tem (ou talvez é) uma mente; os conteúdos da mente – crenças, medos, esperanças, motivações, desejos etc. causam e conseqüentemente explicam nossas ações; e a continuidade de nossas mentes é a fonte de nossa individualidade e identidade como pessoas.¹⁴³

Investigar a subjetividade humana é ter em mãos algo precioso, cujo não reconhecimento é uma espécie de afronta. A mente humana não é justamente a diferença crucial entre nossa espécie e as bestas? Nossa intuição da consciência como fonte de valor faz com que hesitemos ao investigá-la. Tememos descobrir algo devastador para nossa auto-imagem. Para filósofos simpáticos à asserção de Wordsworth sobre a ciência que “assassina para dissecar”, a investigação empírica da mente é uma espécie de “heresia”, que resulta em modelos que são simulacros de seres humanos, os zumbis. O reducionismo na filosofia da mente é cientificismo puro e simples. Dennett, como vimos, aceita o ônus de provar que esta perspectiva é enganosa. Ele se propôs a demonstrar não somente que seu reducionismo não é uma aberração cientificista, como também é mais belo do que a alternativa defendida pelos *mysterians*. Como ele se saiu nesta tarefa?

O “Modelo de Esboços Múltiplos” foi construído em torno da rejeição do conceito de *qualia*, que sustenta os argumentos anti-reducionistas, e sobre as ruínas do Teatro Cartesiano. A investida de Dennett contra os *qualia* consiste em

¹⁴³ Searle, 1982, p. 1. Minha tradução.

argumentos empíricos e *a priori*, que não foram respondidos nem por Searle nem por Chalmers. Dennett ataca os *qualia* de forma vigorosa e sucinta, procurando mostrar que o conceito foge inteiramente do controle de seus proponentes. A dita inefabilidade dos estados conscientes é explicada por Dennett, e não simplesmente assumida. Trata-se, como vimos, de uma inefabilidade *prática*, que não constitui obstáculo prático para uma teoria da experiência. Já que dispomos de uma explicação concisa desta propriedade da consciência, devemos utilizar a Navalha de Ockham e excluir os excessos defendidos por Searle e Chalmers. A inefabilidade intrínseca da consciência é uma quimera, um “peso morto”. Se aceitarmos os argumentos de Dennett, veremos os “qualófilos” como obscurantistas, que dão um tiro no próprio pé ao empregar um conceito que não compreendem. Penso que o silêncio dos “qualófilos” em relação a estes argumentos é um sintoma de algo errado em suas teorias. Searle e Chalmers continuam assumindo a existência dos *qualia* e evocando as mesmas intuições. Suas filosofias se baseiam, então, em um pressuposto dúbio, que deve ser fortalecido por novos argumentos, ou abandonado de uma vez por todas. Dennett se encontra em vantagem por já ter lidado com o problema e seguido em frente.

A demolição do Teatro Cartesiano é, sem dúvida, um grande triunfo de Dennett. Nenhuma teoria da consciência deve supor esta estrutura, sob pena de circularidade e aprisionamento no problema de interpretações stalinianas *versus* interpretações orwellianas. Ao chamar atenção para o problema, Dennett estabeleceu exigências filosóficas para teorias da consciência; a ciência da mente precisa desta bagagem teórica para avançar. O Teatro Cartesiano revelou-se também um amigo do niilismo, já que é incompatível com a idéia de livre-arbítrio, como os experimentos de Libet demonstram. A interpretação aterradora de Libet é desbancada por Dennett, em uma vitória irônica do materialismo dito cientificista. Não é Dennett o usurpador cientificista que coisifica o ser humano? A discussão do experimento de Libet sugere o contrário. O dismantelamento do Teatro Cartesiano dá testemunho da relevância da filosofia para a ciência; cientistas seduzidos pelo materialismo cartesiano desviam seu olhar para ilusões. A ciência orientada pelo materialismo cartesiano erra porque entende mal a questão da consciência e faz as perguntas erradas. Devemos dar crédito a Dennett por contribuir para uma investigação científica/filosófica mais afiada.

Quão satisfatório é o Modelo de Esboços Múltiplos enquanto teoria da consciência? O Capítulo 5 deste trabalho descreve a unificação de vários fenômenos intrigantes sob a bandeira de uma mesma teoria. Dennett explica dados da psicologia de uma forma relativamente simples, e isto é algo de que os “qualófilos” não podem se vangloriar. Pouco se produziu de *teoria* em torno de conceitos como *qualia*, “zumbis” e “subjetividade ontológica”; Dennett, por sua vez, logrou construir uma teoria da consciência em oposição a estes conceitos. Podemos acusá-lo, então, de empreender uma atividade destrutiva? Quando consideramos o quão longe ele chegou com seu materialismo, sua perspectiva não parece tão desoladora quanto argumentam seus oponentes. Devemos nos perguntar se o ponto de vista anti-reducionista nos proporciona recompensas comparáveis. Quantos *insights*, de importância comparável à descoberta da intrusão do materialismo cartesiano em muitas teorias da consciência, devem-se a *qualia* e zumbis? Esta é uma pergunta retórica! Quando examinamos o ínfimo progresso de investigações orientadas pela retórica anti-reducionista, temos dúvidas sobre sua viabilidade e sua consistência. O Modelo de Esboços Múltiplos, uma teoria que conecta diversos ângulos da fenomenologia, e os vincula à trajetória evolutiva da espécie humana, tem muito mais a nos dizer do que admitem seus detratores. Dennett explica a origem das características que diferenciam nossas mentes das de outros animais. Em outras palavras, sua teoria esclarece uma parte importante do que faz da espécie humana uma espécie única. Sendo assim, conclui-se que Dennett teve êxito em demonstrar que seu ponto de vista é mais belo que o de seus críticos “qualófilos”.

Sabemos que o MEM foi elaborado visando a obtenção de uma teoria empírica da consciência. Mas quão empírico é ele? Dennett procura mostrar que o MEM explica uma gama de dados experimentais, e prediz novos fenômenos. As críticas de Churchland, dirigidas contra a metáfora do *software* e o conceito de *meme*, foram adequadamente respondidas, mas o debate está longe de seu encerramento. O conceito de *meme*, ainda que intrigante, não tem raízes fincadas no solo empírico. Ainda não se sabe como a existência de *memes* pode ser verificada empiricamente. Não existe uma ciência da *memética*; as condições que favorecem a proliferação de um *meme* em detrimento de outro continuam obscuras. Dennett pode ter dado um passo em falso ao apostar muito alto no futuro nebuloso da memética. O cenário onde a máquina virtual foi instalada no

cérebro hominídeo pela primeira vez também é muito especulativo. “Estórias Exatamente Assim” não são ciência. Isto significa que devemos levar a sério as advertências de Churchland e pensar em caminhos alternativos, que preservam a abordagem de perfil dinâmico sem fazer uso do conceito de *meme*. Felizmente, como o próprio Churchland observou, estes elementos especulativos não são partes essenciais do MEM; eles podem ser substituídos sem o abandono total da teoria. O mais importante é o fato do MEM abordar um fenômeno especialmente curioso – a consciência humana – sem apelar para nenhum tipo de milagre (*skyhook*, na terminologia de Dennett¹⁴⁴) ou caixa preta. A consciência tampouco pode ser um fenômeno trivial, como parece exigir o behaviorismo. É preciso que haja algum fato não-milagroso, mas poderoso o bastante para resultar em um fenômeno singular. Dennett chama estes fatos de “gruas”.¹⁴⁵ Reducionistas gananciosos procuram explicar fenômenos singulares sem utilizar nenhum tipo de “grua”. O behaviorismo, que procurava explicar o comportamento humano sem o uso de qualquer estado mental é, para Dennett, um bom exemplo; segundo ele, o proeminente behaviorista B.F. Skinner é o “campeão mundial de reducionismo ganancioso de todos os tempos”.¹⁴⁶ Dennett percebe o quão importante são as gruas para o estudo da consciência, e age de acordo; esta é a prerrogativa dos reducionistas prudentes. *Memes*, *software* e plasticidade neural são gruas cujo poder não deve ser subestimado. Os filósofos anti-reducionistas dão as costas para toda e qualquer grua, convencidos de que só *skyhooks* podem dar origem a algo tão singular quanto a consciência. Por considerarem todo e qualquer processo natural insuficiente como correlato objetivo da consciência, eles se tornam obscurantistas. Os esforços de Dennett, por outro lado, resultaram em uma teoria bastante flexível, que pode absorver muitas correções, como as críticas de Thompson e de Churchland e, ao mesmo tempo, exibir conteúdo empírico considerável. Em suma, não podemos atacar o MEM por ser vago a ponto de permitir todo tipo de revisão. O modelo de Dennett, enfim, é claro, abrangente, informativo, sem exibir um viés reducionista avassalador. Estes não são indícios

¹⁴⁴ Dennett, 1998, p. 78.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 78-79.

¹⁴⁶ *Ibidem*; p. 491. Minha tradução.

de reducionismo ganancioso, muito pelo contrário. Dennett deve ser inocentado do que o acusam seus oponentes mais radicais.